

Imitação na Ars Politica de Maquiavel: ambiguidades e ambivalências na reinserção da Virtù

De Assis, Jean Felipe

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

De Assis, J. F. (2021). Imitação na Ars Politica de Maquiavel: ambiguidades e ambivalências na reinserção da Virtù. *Griot: Revista de Filosofia*, 21(2), 444-465. <https://doi.org/10.31977/grifi.v21i2.2276>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY Lizenz (Namensnennung) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.de>


Terms of use:

This document is made available under a CC BY Licence (Attribution). For more Information see:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

IMITAÇÃO NA *ARS POLITICA* DE MAQUIAVEL: AMBIGUIDADES E AMBIVALENCIAS NA REINSERÇÃO DA *VIRTÙ*

Jean Felipe de Assis¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

 <https://orcid.org/0000-0001-9292-9228>

E-mail: jenfelipe@hcte.ufrj.br

RESUMO:

A adequação dinâmica dos bons exemplos, conformando-os às necessidades impostas pelas circunstâncias, insere Maquiavel nos variados usos da *imitatio* antiga e renascentista. A *imitação* deve reavivar as práticas civis e as atitudes de *Virtù*, fornecendo ânimo para a realização das ações políticas e das práticas pedagógicas, conforme a atuação como secretário de Florença e seus escritos políticos, históricos e literários salientam. Desse modo, ao revisar a noção de *imitatio*, especificamente na antiguidade e na renascença, contextualizam-se os argumentos de Maquiavel sobre a possibilidade dos humanos alcançarem a *Virtù* pela imitação das ações adequadas nos *Discorsi*, no *Príncipe*, nas *Histórias Florentinas* e na *Arte da Guerra*. Ao propor investigações e análises do passado que produzam utilidade e deleite, realçando o *sabor das ações humanas*, os escritos Maquiavelianos realçam a impossibilidade de uma definição pré-determinada sobre quais opções devam ser usadas (*ambiguidade*) e sustentam a possibilidade de duas perspectivas, aparentemente antagônicas, serem escolhidas simultaneamente (*ambivalência*).

PALAVRAS-CHAVE: Maquiavel; Imitação; *Virtù*; Ambiguidade; Ambivalência.

IMITATION IN MACHIAVELLI'S *ARS POLITICA*: AMBIGUITIES AND AMBIVALENCES IN REINSERTING *VIRTÙ*

ABSTRACT:

By dynamically adapting good examples, accommodating these to the needs imposed by circumstances, Machiavelli reverberates multiple uses of *imitatio* from ancient and Renaissance authors. *Imitation* renovates ancient *Virtù* in civil practices and attitudes, providing encouragement for fulfilling political actions and pedagogical practices, as Machiavelli's role as secretary of Florence and his political, historical and literary writings attest. Thus, after reviewing the notion of *imitatio*, specifically in antiquity and renaissance, Machiavelli's arguments about the possibility of humans reaching *Virtù* are contextualized in the *Discorsi*, *Prince*, in *Florentine Histories* and the *Art of War*, specifically in the proposals to imitate the appropriate actions. Hence, investigations and analyzes of the past produces utility and delight, enhancing the *flavor of human actions*. Consequently, Machiavelli's writings assure the impossibility of a predetermined definition among possible multiple options (*ambiguity*) as well as support the possibility to simultaneously choose two, apparently antagonistic, perspectives (*ambivalence*).

KEYWORDS: Machiavelli; Imitation; *Virtù*; Ambiguity; Ambivalence.

¹ Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Professor substituto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Thierry Ménissier pondera que a noção de *imitação*, no contexto humanista renascentista, provê uma matriz intelectual para o desenvolvimento do pensamento de Maquiavel, sobretudo ao destacar aquilo que é digno de ser imitado de acordo com a ocasião propícia (2017, p. 199). Assim, a investigação histórica de Maquiavel é dinâmica, buscando apreender dos autores antigos e contemporâneos ações repletas de *Virtù*, as quais devem ser corretamente imitadas para o estabelecimento de uma nova ordenação civil ou para reordenar comportamentos políticos de acordo com a necessidade. Nas palavras de Ménissier, "a categoria *imitação* restitui a dimensão moral dos projetos escritos de Maquiavel" (p.199), pois, em seu dinamismo, a *imitação* propicia uma contestação dos valores vigentes, assim também uma reforma significativa das práticas e das instituições. Ambiguidades e ambivalências são inerentes à imitação, pois essa auxilia o humano nas constantes instabilidades decorrentes da presença da Fortuna, ao mesmo tempo em que é um processo vivo e nunca acabado. Um dos objetivos centrais dos escritos de Maquiavel, restaurar o vigor das ações civis nas ocasiões propiciadas pela Fortuna, serve-se dessa *constante e dinâmica inconstância*. Deseja-se, portanto, não a instauração de uma ordem civil perfeita e *acabada*, mas constata-se a perene imperfeição das ações e das instituições, sempre *inacabadas*, as quais demandam *Virtù* nos intensos combates contra a corrupção (D. II. 8)² para a fundação e para a manutenção de ordens civis.

Erica Benner investiga os modos pelos quais a *imitação* e o saber perpassam a obra de Maquiavel, visto que esse autor avalia as tradições antigas e as variadas formas de *imitação*, destacando as inadequações de seus contemporâneos pelo excesso de louvores aos antigos e pelo desconhecimento de suas ações genuínas (BENNER, 2009, p. 101-134). Há, portanto, uma relação de ambiguidade e de ambivalência com o passado, visto que Maquiavel propõe-se a efetuar por escrito *novas ordens e novos modos*, ao mesmo tempo em que investiga as ações pretéritas excelentes e considera o valor de suas imitações. Trata-se, portanto, de uma análise minuciosa das circunstâncias presentes, vistas como desoladoras, à luz das recepções dos mestres antigos. Maquiavel aprofunda ambiguidades e ambivalências ao salientar a incerteza dos resultados obtidos pela imitação e pela obrigatória adequação às circunstâncias, pois características aparentemente antagônicas devem ser escolhidas de acordo com a necessidade ou sustentadas simultaneamente.

Assim, algumas tradições antigas e renascentistas a respeito da *mimesis* e da *imitatio* são apresentadas, evidenciando as propriedades dinâmicas dessas práticas que perpassam a filosofia, a história, a literatura, as artes e inumeráveis práticas intelectuais. Os variados processos e as diversas técnicas da *imitação* correlacionam as constituições civis, as formações individuais e as práticas pedagógicas mediante expressões e recepções textuais. Maquiavel dialoga com essas tradições a respeito da *imitação*, asseverando a necessidade de adequação às circunstâncias e a possibilidade de efetivação das ações políticas imprescindíveis. Desse modo, a reinserção da *Virtù* utiliza-se da *imitação* dos bons exemplos analisados como um meio de combater as corrupções das ordenações civis e de suas instituições.

A *imitatio* em suas tradições e em suas transformações

As concepções helênicas da *mimesis* e latinas da *imitatio* possuem variadas tradições textuais nas quais as bases da vida intelectual e das práticas civis são sustentadas. Estudam-se meteticulosamente características, estilos, conteúdos e práticas, analisando técnicas e impactos retóricos a serem obtidos, mas também os processos pedagógicos mediante exercícios que aprimorem métodos e até mesmo a formação pessoal. Assim, combinam-se tradições e inovações

² Todas as citações da obra de Maquiavel são de *Tutte le opere di Niccolò Machiavelli a cura di Francesco Flora e di Carlo Cordiè* de 1949. Desse modo, elas seguem a padronização: *Discorsi* (D); *Il Principe* (P); *Istorie Fiorentine* (IF); *L'Arte della Guerra* (AG).

mediante avaliações ponderadas das circunstâncias que auxiliem na formação de adaptações às necessidades presentes por expressões adequadas e plenas de vigor. Se tais intentos forem bem sucedidos, torna-se possível, inclusive, competir com os grandes heróis do passado, os eloquentes oradores e os brilhantes escritores da antiguidade – essa entendida, pelo culto e pelo louvor atribuídos a ela, como clássica. A *imitatio*, portanto, é uma prática intelectual comum em muitos registros da antiguidade e da renascença, perpassando contínuos debates sobre suas potencialidades e seus limites nos mais variados autores. Essas tradições são destacadas, enfatizando suas características dinâmicas nas práticas pedagógicas e civis, nas exemplificações dos seguintes autores e temas: Dionísio de Halicarnasso; Longino; Sêneca, o Jovem; Quintiliano; notas sobre as concepções judaico-cristãs e considerações sobre a centralidade do tema na Renascença.

A *imitatio* é entendida por muitos autores antigos como um meticuloso estudo de características, estilos, conteúdos e práticas. Embora a noção de *mimesis* esteja presente já em Platão e em Aristóteles, possuindo destaque em argumentos centrais desses autores, o uso comum, associado à memória social, técnicas, utilização de modelos e outras práticas de recepção, popularizou-se no período helenístico. Assim, múltiplos tratados de retórica, eloquência, poesia e filosofia discutem os limites e as potencialidades da *imitação* para a formação pessoal e para a atuação civil. Há, assim, um processo intenso de leitura, de análise e de escrita, facilitando a presença de: intertextualidades; alusões; paródias; emulações; interações linguísticas; e variadas interfaces. Os grandes humanos do passado são sempre apresentados como exemplos a serem seguidos devido a certas características e a ações excelentes em condições específicas.

Donald Clark ressalta a *imitação* como um método de ensino retórico nas tradições greco-romanas, em especial em contextos de oratória e para a formação de textos escritos. Desse modo, não há prescrições que devam ser seguidas, mas exposições, estudos e análises do que os antecessores fizeram. Ao recorrer às raízes *miméticas* da imitação nos escritos de Platão, Aristóteles e Plutarco, o autor evidencia as polissemias no termo *imitatio*: imitação das práticas humanas; imitação de um ideal de verdade; imitação das aparências. Todavia, ressalta a *imitação* como um método de aprendizado por meio de exercícios para aprimorar a escrita e a retórica, conseqüentemente, a leitura e a recepção³. Assim, existem debates com as autoridades da tradição e conseqüentes subversões, as quais diferenciam-se dos usos indiscriminados de textos, alusões e obras. A *imitatio*, portanto, auxilia na obtenção de técnicas e de conteúdos elevados para a oralidade e para a escrita.

O treinamento retórico é visto por uma intensa e minuciosa crítica das tradições, as quais encontram-se em constantes transformações. Desse modo, verifica-se não apenas a presença de trechos, sentenças e construções linguísticas, mas as próprias formações cívicas e pessoais são forjadas nas leituras, recepções e escritas. A centralidade da *imitatio* na cultura romana perpassa todas as atividades humanas, em especial as produções artísticas, os tratados sobre a eloquência e as propostas éticas. (WHITTON, 2019, p. xii-xvii). Assim, além de uma extensa coleção de intertextualidade entre os autores antigos, ecos, reflexões, alusões, assimilações possuem, primariamente, uma função estética significativa na produção de argumentos e de expressões nos variados gêneros do discurso (WHITTON, 2019, p. 473-476). Em alguns casos, não há apenas indícios de uma imitação material, mas formas de conduta e de viver que são espelhadas nos atos da leitura e da escrita.

³ Dentre os exercícios elencados pelo autor, destacam-se: as paráfrases; possíveis paródias; a memorização; traduções; paráfrases e um estudo das estruturas narrativas ou linguísticas. Salienta ainda que a análise aprofundada e crítica dos modelos literários pressupunha também um momento pedagógico (*praelectio*) em que as narrativas e seus elementos eram analisados coletivamente (CLARK, 1951, p. 11-22).

As buscas incansáveis pela excelência e pela adequação das formas de expressão em contextos específicos evidenciam a natureza do que seja a *imitatio*, os escritores a serem imitados e os modos de efetivar a *imitação* – esses eram os três elementos centrais dos argumentos ou dos tratados retóricos desde o período clássico. Dentre as controvérsias, já existentes na antiguidade e presentes na renascença, discutia-se a prevalência da *imitação* dos antigos ou dos modernos; também se a imitação deveria se restringir a um único modelo ou deveria pautar-se em múltiplos. Ressaltam-se os métodos de aprendizagem, os exercícios para aprimorar a eloquência, análises dos exemplos bem sucedidos em suas circunstâncias primeiras, instruções para o humano atuar em contextos similares.

Há elementos estruturais, linguísticos, estéticos, comportamentais que perpassam estudos analíticos individuais e coletivos, os quais demonstram a atualidade das ideias antigas sobre a imitação. Para Mckenon, O baixo número de tradições ou indivíduos de rara excelência, e.g., Platão e Aristóteles, não deve impedir que estudiosos avaliem esses trabalhos criticamente e *re-signifiquem* suas ideias nos variados âmbitos e contextos de recepção. O autor observa que, embora muitos estudiosos considerem as limitações de uma definição clara para a *imitatio* antiga, uma leitura desses autores fornece clarificações a respeito dos usos desse termo em seus contextos argumentativos. Inicia sua apresentação por Platão e por Aristóteles, mas perpassa toda a Antiguidade, destacando tratados retóricos, os textos poéticos e as variadas formas pelas quais discursos fornecem meios para a expressão do pensamento. Nesse sentido, o autor assevera que a *imitatio* perpassa ações, Arte, Filosofia, Retórica, instituições e práticas, possuindo nuances e características particulares em autores específicos (MCKENON, 1936, p. 1-35). Desde os estudos sistemáticos de Menandro as incorporações visuais, corporais e imagéticas, assim também as articulações entre teatro e retórica, desvelam uma interseção entre os diferentes meios pelos quais a *imitação* apresentava características práticas em diferentes setores culturais romanos. Trata-se de um binômio dinâmico, ação e imitação, que em muitos momentos mostra-se impossível de ser dissociado (NOCCHI, 2013, pp. 8-14). Para Quintiliano, a puerícia, os jogos lúdicos, os elementos pedagógicos são exemplificações da utilização da imitação para a melhor expressão e apreensão de conceitos, ideias e práticas na formação dos cidadãos para a tarefa pública.

Ao analisar as instruções de Cícero aos oradores, Elaine Fantham destaca algumas sugestões pelas quais a *imitatio* eleva o estilo, as práticas e a eloquência, ao mesmo tempo em que salienta o declínio das atividades civis e o caráter quase medicinal de estudar os bons exemplos do passado (1978a, p. 1-16; 1978b, p. 102-116). Ao apresentar os argumentos de Quintiliano, a autora assevera a importância da adequação pela habilidade dos oradores (*ingenium*) e pela fecundidade dos argumentos (*inventio*). Desse modo, não se trata meramente de emular técnicas e discursos do passado, muitas vezes superficialmente, mas de analisar condições, contextos, modos de execução, impactos e apreender o essencial para as novas circunstâncias que requerem discursos, obras e ações particulares. A *imitatio* é um elemento central nas culturas literárias e retóricas romanas, perpassando elementos de oratória, declamações, poesias, história e as práticas dos atores (FANTHAM, 2011, p. 243-359). Mediante inúmeras técnicas e atividades, os modelos são recebidos, desconstruídos, ressignificados e desenvolvidos a partir dos novos intentos, os quais estão constantemente em transformação.

O reconhecimento de tradições, predecessores e antecedentes é um dos pilares para um processo ativo de recepção mediante o qual novos autores estão submetidos, ao mesmo tempo em que eles podem rivalizar, desenvolver e desestruturar o recebido. D. A. Russell, ao tentar resumir os estudos feitos sobre a *mimesis* e a *imitatio*, salienta: o valor do objeto imitado; o "espírito", e não a "letra", deve ser imitado; a imitação deve ser amplamente reconhecida pela

audiência; há assimilações em um novo contexto com propósitos inéditos, assumidos como uma criação; o imitador coloca-se como um possível competidor dos modelos seguidos (2007, p. 1-16).

As concepções de Dionísio de Halicarnasso a respeito da mimesis avançam algumas considerações aristotélicas, especialmente ao submeter-se constantemente à produção de textos retóricos a partir do estudo minucioso de seus antecessores (JONGE, 2008, p.7). Assim, o processo mimético defendido pelo autor antigo, dividido entre os efeitos propostos e também o conteúdo transmitido, reitera a necessidade de um aprofundamento nos autores do passado para um processo criativo presente de acordo com as intenções desejadas para cada audiência (HUNTER, 2009, p. 122). Desse modo, entre análise, imitação e emulação, os tratados de Dioniso podem ser interpretados como formas de atualizar a memória, as ações e as narrativas dos antepassados para uma comunidade de intelectuais (WIATER, 2011, p. 77-92). Seus discursos ensaísticos, portanto, documentam uma comunidade interpretativa em que a linguagem, a história e a constituição política estejam intrincadas no processo mimético. A conexão entre a linguagem, os gêneros literários e as considerações morais, políticas e sociais estão atreladas aos efeitos da beleza para as produções literárias e a recepção dessas. Ademais, não se deseja apenas adequar técnicas utilizadas no passado, mas essas também devem moldar a formação pedagógica e pessoal de escritores e de leitores. Desse modo, o processo mimético mantém o pensamento dos antepassados em constantes atualizações diante do empenho de uma comunidade intelectual ativa (WIATER, 2011, p. 81-83). A recepção dos clássicos e os efeitos dos atos imitativos pressupõem uma diacronia e uma transformação nos modos de compreensão das obras em suas respectivas propostas. Desse modo, as controvérsias entre a submissão por zelosas imitações ou tentativas de superar os antigos por emulações aparecem ao longo dos períodos clássicos, renascentistas e modernos.

Longino, ao tratar dos modos como o Sublime aparece nos escritos de Platão (XIII), destaca que a zelosa imitação dos escritores e dos poetas do passado é um caminho para atingir o objetivo máximo dos oradores. Embora muitos sejam inspirados, e sintam-se entusiasmados, pelo emanar dos sábios antepassados, o autor salienta que entre esses grandíssimos escritores, há aqueles que catalogavam textos, léxicos, estruturas sintáticas. A utilização desses materiais não é um plágio ou uma mera cópia, mas Longino associa a reprodução dessas características a uma escultura para uma obra de arte. Desse modo, a presença dessas construções linguísticas em Platão facilitaria as discussões filosóficas a respeito dos conteúdos expostos e da própria linguagem, mas até mesmo a argumentação desse filósofo é enriquecida por seus estudos diligentes dos escritos de Homero. As controvérsias resultantes desses conflitos são positivas, pois desenvolvem a própria humanidade.

Do mesmo modo, acredita Longino que os escritores devem constantemente perguntar-se como os antepassados expressariam algumas ideias para que possam os emular e atingir o sublime, algo que conduziria o pensamento a estar próximo da perfeição. Ainda mais, o autor propõe que os famosos escritores antigos sejam juízes das obras recentes e, assim, eles não serão apenas emulados, mas perpetuarão suas concepções, técnicas, estilos e gêneros na atualidade. Os escritores devem almejar a glória e a projeção de suas criações para a posteridade, tempo futuro em que serão apreciados pelos antepassados, pelos contemporâneos e por aqueles que virão (LONGINO, XIV).

Essa concepção de mimesis, atrelada não apenas ao passado, mas também ao presente e ao futuro, integra *imitatio* e imaginação na obtenção do *Sublime*, esse que não se associa à perfeição ou a uma constituição ideal das técnicas artísticas, tampouco pode ser reduzido às características realistas no processo artístico – considerações relevantes no desenvolvimento estético renascentista (REFINI, 2012, p. 48-50). Importante ressaltar que as ponderações de Longino são estudadas em variados círculos intelectuais no início da modernidade. Tais

intelectuais discutem se a busca pela distinção de estilo na expressão do pensamento possua uma associação com uma inspiração divina, além das condições técnicas da racionalidade, e possa atingir o Sublime ao manter seus efeitos mesmos após os primeiros impactos com a obra produzida. Embora existam muitas maneiras de explicar as técnicas que resultem na eloquência desejada, e.g., dicção e paixão, a adequação para uso próprio dos meios, dos conteúdos e das formas dos antigos escritores, mediante uma generosa emulação, é uma característica importante da proposta de Longino. Assim, os contemporâneos e os antepassados estão manifestos na evocação dos efeitos desejados (NITCHIE, 1935, p. 580-597).

O jovem Sêneca apresenta a *imitatio* nos âmbitos da pesquisa filosófica, da prática civil e nas ações individuais, em especial nas emulações dos bons exemplos em variadas circunstâncias da vida. J. J. Gahan constata que o uso de *imitatio* e *aemulatio* nos escritores antigos perpassa a resignificação de um conjunto de ideias, materiais textuais, considerações culturais que permitem apresentar os diversos gêneros comunicativos com maior ênfase. Desse modo, esses autores adaptam convenções e elementos cristalizados em seus contextos, de acordo com as necessidades comunicativas e os impactos desejados na audiência. Mark Davies, ao considerar os modos pelos quais Sêneca apresenta-se na prática privada e na vida pública, destaca como esse pensador – a exemplo de Maquiavel – "cria" uma corte de autores antigos para sua sobrevivência no exílio político. Desse modo, Sêneca e Maquiavel, afastados da prática política e da vida pública, transformam autores e textos, de suas respectivas antiguidades, em entidades vivas, ao fornecerem *exempla* que exortam como se viver. Recepção e criação estão entrecruzadas asseverando a autoridade das ideias pretéritas e suas transformações necessárias nos modos de viver e na construção de novas comunidades. Ao considerar as chamadas *Artes Liberais*, Sêneca acredita que elas devem ser úteis ao bem viver e ao conhecimento do mundo. Essas, por imitarem a natureza, possuem um valor propedêutico para o humano não apenas para a obtenção do conhecimento, mas também no combate às paixões e aos vícios (FERREIRA: 2017, p. 161-194).

Ao dialogar com a perspectiva estoica a respeito da formação natural e artística, Sêneca sentencia que todas as coisas são provenientes das causas materiais e formais. Para tanto, atesta sua famosa sentença: *Omnis ars naturae imitatio est*. Desse modo, em sua epístola LXV, o autor recapitula as tradições platônicas e aristotélicas, argumentando sobre a unidade nos atos divinos e na possibilidade da temperança humana na superação das ansiedades cotidianas. Desse modo, a *imitatio*, nas artes e no pensamento filosófico, deve servir de orientação para uma boa conduta humana em suas circunstâncias. Apresenta um *excursus* na filosofia platônica também ao retratar a polissemia da noção de existência, asseverando que a *Ideia* fornece instrução e orientação para as ações e, portanto, deve ser imitada (Ep. LVIII).

Ao discutir as festividades romanas no mês de dezembro, as Saturnálias, Sêneca pondera sobre os tempos de licenças, especialmente utilidade desses para a formação moral e civil. Assemelha-se a muitos argumentos propostos por Maquiavel a respeito da díade *Virtù-Fortuna*, em especial o fortalecimento do ânimo e do físico para os momentos de grande necessidade. Nesse contexto, na epístola XVIII, o escritor antigo constata a importância da constância, por um afastamento das seduições e das luxúrias que impeçam a sobriedade e as ações firmes. As práticas políticas e militares, e seus constantes exercícios, são essenciais para fortalecer os humanos contra as nefastas atuações da Fortuna. Assim, treinamentos para a alma e para o corpo são imprescindíveis, os quais devem imitar as condições possíveis de serem encontradas e os bons exemplos antigos.

Em sua Epístola XCV, Sêneca reconhece a majestade dos deuses devido à bondade associada a eles. Eles devem ser imitados, pois a Natureza, que precede à civilização, unifica deuses e humanos quando os mortais efetuam manifestações de bondade e de justiça. Ademais,

ao versar sobre os grandes mestres da eloquência latina, em sua Epístola C, Sêneca expõe a grandeza pedagógica de Papírio Fabiano que inspirava o desejo de que seus ouvintes fossem como ele, sem retirar-lhes a ambição de se tornarem melhores, mesmo diante de tamanha erudição e sabedoria impossíveis de serem igualladas.

Ao ser perguntado sobre os benefícios das viagens para o bem estar e para o crescimento pessoal na carta CIV, o autor descreve suas dificuldades físicas devido à idade avançada e seu prazer em estar no campo, devido à repugnância ao ambiente urbano. Desse modo, assevera que a *Sapientia* não depende de viagens para ser encontrada e, portanto, prefere reunir-se com os autores antigos em um contínuo ato de humildade, ao conversar, imitar e emular esses escritores, os quais ganham vida nos atos de leitura.

Na Epístola CXIV, Sêneca advoga que o discurso seja um meio de acessar a alma dos indivíduos, a qual também torna-se manifesta em suas ações. Dessa forma, o autor salienta que as ações e os discursos são imitações dos costumes e das práticas de uma sociedade. Considera, nesse contexto, que alguns gêneros possam ser bem ordenados e outros desordenados, indicando transformações constantes tanto nas práticas quanto nas falas. Sêneca assevera que a alma humana (*mens*), associada às variadas expressões possíveis, fortalece ou enfraquece o ânimo – seja pelas escolhas individuais, seja pelas circunstâncias de uma época. Assim, as qualidades e os vícios são imitados por muitos e em variados períodos. Ao possuir a mente reinado sobre o humano, ela deve ser cultivada com bons exemplos em busca de uma moderação ideal que permita ações adequadas em circunstâncias específicas. Ademais, na missiva CXX, Sêneca argumenta a respeito da proximidade entre vícios e virtudes, ainda mais quando imitadores das virtudes civis desejam a dissolução das ordens públicas, enganando os menos atentos.

Ao discursar sobre a raiva e seus efeitos para as emoções que podem ser usados pelo orador no convencimento de uma audiência, Sêneca admoesta a moderação, mas, quando necessário, deve-se imitar os atores: esses convencem melhor não por estarem raivosos, mas saberem emular esse sentimento (De Ira. II, 17). Alguns oradores são tão persuasivos que influem na raiva de outros por *imitações* e por *simulações* a partir de dados imaginários (De Ira, II. 3). Por outro lado, a utilização da imitação de certos defeitos, para ser utilizada para a chacota pública, não deve alterar a firmeza de ânimo e a resolução dos atos civis, pois os insultos adquirem maiores sucessos devido à indignação e a sensibilidade das vítimas (De Constantia, VII, 3). Mostra-se, portanto, como a *imitatio* é bastante utilizada nos discursos públicos na produção de variados efeitos entre os interlocutores e também para a audiência.

Quintiliano, ao tratar dos autores antigos, suas criações e respectivas eloquências, atesta que a composição racional deve se concentrar nos exemplos virtuosos pelos quais a obra é vista como objetivo primordial, sobretudo devido à utilidade (X.II.1). Desse modo, a centralidade da ação adquire elementos pedagógicos, visto que as crianças apreendem as práticas da leitura, da escrita e da ação (X.II.2). Visto que a Natureza não produz algo semelhante, a *imitação* propicia que os bons exemplos sejam atualizados, mesmo que esses não ocorram espontaneamente (X.II.3). Imitar não consiste em contentamento com as descobertas de outrém (X.II. 4), o que não significa que os sucessos não devam ser analisados minuciosamente (X.II.5). Desse modo, todas as *Artes* são transformadas e não permanecem como originaram-se (X.II.8). Apresentam-se em novos contextos visando à máxima potencialidade, mesclando natureza e intelecto, adaptando a imaginação a propósitos diferentes, seja no teatro, nos discursos ou em outros gêneros literários (X.II.10-11).

Diante dessa dinâmica de leitura, escrita e ação, devem ser selecionados os melhores exemplos e as melhores práticas desses para a imitação (X. II.14). Meramente reproduzir os bem sucedidos primeiros impactos, sem uma análise aprofundada, resulta em uma apresentação sem vida (X. II.17). Deve-se saber o que e como imitar, entender os processos comunicativos e

adaptar o necessário em novos contextos de expressão (X. II. 18), visto que cada gênero tenha suas peculiaridades e elementos comuns (X. II.22). A *imitação*, portanto, não deve se restringir às palavras, mas perpassa inúmeras esferas materiais e mentais, ressaltando objetivos, elegância e impactos na audiência (X. II.27).

Em Quintiliano, a imitação de palavras, de gestos e de costumes – *imitatio morum alienorum* – associa-se à *mimesis* e à *ethopoeia* gregas. Desse modo, imitam-se características para a criação de *personae* em diversos gêneros literários, dentre as quais as peças teatrais e os tratados de eloquência com a finalidade de causar comoção ou convencimento (Anderson Jr., 2000, pp. 60-61). Deve-se notar ainda a distinção entre *parabasis* e *parekbasis*, em que a primeira é vista como uma digressão para aprofundar o assunto e a última recorre à imitação dos eventos propostos na *narratio* (ANDERSON Jr., 2000, p. 86).

Para Quintiliano, os exemplos literários são indispensáveis, integrando *imitatio* e *aemulatio*, i.e., uma recepção fidedigna e suas aplicabilidades de acordo com a necessidade. Trata-se de uma discussão já presente nos autores helenísticos sobre os limites, as definições e os diversos meios de recepção das obras. Assim, são discutíveis os níveis de interação entre os estudos analíticos e críticos em conexão com os novos meios de expressão ou as novas obras produzidas. Constatam-se tensões e articulações entre a apreensão rigorosa das obras antigas e o processo de execução criativa de novas realizações. Por sua vez, a relação entre *imitatio* e *utilitas* apresenta a função da história literária nos argumentos de Quintiliano, em especial (BALER, 2017, pp. 47-62). Conclui Thomas Baler que Quintiliano utiliza-se da contingência dos gêneros literários, transformando a autoridade dos antigos de acordo com as funções e com a utilidade para a formação dos indivíduos. Desse modo, o estímulo da imitação é a utilidade, visto existir a necessidade de constantes inovações para melhor expressar o desejado nos meios adequados para a comunicação.

A *imitação*, em consonância com as perspectivas helenísticas e latinas, perpassa variados contextos teológicos na religião judaica-cristã, especificamente no desenvolvimento eclesiológico no período patrístico. Dentre os inúmeros debates, podem ser exemplificados: a formação de círculos proféticos (FLOYD e HAAK, 2006); as diversas formas de coletar, escrever e divulgar as tradições locais (BERLIN, 2005); o diálogo com as diversas culturas, sociedades e suas formas de comunicação (ANDERSON, 2002); os processos de redação e de canonização dos textos (DOZEMAN et alli, 2011); os diversos meios de interpretação e debates dos textos sacros em templos e em comunidades (DAVIES, 1995); debates sobre as formas de inculturação e os limites necessários para a integralização de uma herança religiosa em novos contextos (JENSEN, 2006); imitação de figuras eminentes, sacras e exemplos práticos para a vida cotidiana (MOSS, 2010). Evidencia-se, assim, a imitação de ações, de características, de estilos, de gêneros literários e de personalidades sacras. Em processos contínuos de leitura e de escrita, há manutenção e transformação de textos e de práticas no desenvolvimento histórico, social e religioso desde as tradições judaicas mais remotas, perpassando a formação dos textos bíblicos e atingindo concílios ou expressões religiosas cristãs posteriores.

Mclaughlin (1995) considera que a *imitatio* seja um conceito dominante nos escritores italianos da renascença, destacando as discussões e as polêmicas que perduraram até o final do século XV. A redescoberta dos textos antigos, em especial as cartas de Cícero, possibilitou uma ênfase no processo criativo para a recepção dos grandes autores, para a criação de uma cultura literária complexa e consistente com as demandas de diferentes períodos em variadas localidades na península itálica. A *imitação*, iniciada nas reconsiderações de algumas premissas medievais pelas recepções selecionadas de autores e de obras, adquire estatutos metodológicos e práticas civis mediante tratados técnicos e produções literárias. A educação humanista, as disputas

políticas, as diferenças civis e as conceptualizações historiográficas integram conceptualizações sobre a antiguidade e as maneiras de entendimento dessas sociedades em construção.

Ao associar à renascença a alcunha de *era da imitação*, Thomas Greene salienta que essa noção perpassava todas as nuances das atividades pedagógicas, gramaticais, retóricas, estéticas, políticas, sociais, historiográficas e filosóficas. Desse modo, além de uma centralidade e de uma difusão, a *imitação* encontra-se em constantes debates e contínuas transformações. Assim, a *imitatio* era usada em técnicas de leitura, de escrita e de oratória com grande valor pedagógico para os processos de constituição civil e na própria formação individual em diferentes círculos intelectuais do período (GREENE, 1982, p. 1-3).

Dentre os variados modos de entendimento da imitação ao longo da Renascença, G. Pigman sugere a presença de uma reprodução, uma imitação e uma emulação, distinguindo, respectivamente, entre: traduções e transposições de trechos, gêneros, estilos e vocabulário; intrínsecas adaptações para novos contextos; ações que intencionalmente transformam estruturas e expressões (1980, p. 30-32). Para tanto, avalia as propostas de Erasmo, em que há contínuas novidades devido às análises críticas de múltiplos autores, destacando aqueles escritores mais elevados e os temas mais adequados. Tais assertivas estão em consonância com as discussões filosóficas e retóricas da Renascença, nas quais as nuances de crítica e de desenvolvimento dos modelos antigos são proeminentes.

As diversas discussões teóricas a respeito da imitação durante a Renascença perpassam elementos de eloquência⁴, estudos sistemáticos de *corpora* textuais e a formação de glossários⁵, reconhecimento dos modos e das formas de expressão dos antigos para um melhor aperfeiçoamento dos recursos retóricos, linguísticos e literários disponíveis⁶, além de um estudo sistemático das ações políticas valiosas⁷. Ademais, diante de sólidas tradições e de discussões sobre a *imitatio*, há autores na Renascença que adaptam os diferentes estágios e as variadas formas de interagir por recepções, adendos, detrações, transmutações, cópias mediante variadas inovações e adequações de ideias e de estilos (PIGMAN, 1982, p. 341-352).

Bianca Morganti exemplifica essas características da *imitatio* renascentista em três epístolas familiares (1.8; 22.2; 23.19) em que Petrarca dialoga com trechos do *De Oratore* de Cícero, enfatizando a importância da *imitatio* em sua prática intelectual. Os exemplos desse autor antigo e de outros grandes nomes inspiram não apenas as práticas letradas de Petrarca, mas constituem sua formação pessoal, em uma primazia do elemento ético. Associa, assim, filosofia, perspectivas teológicas e experiência pessoal em uma mistura de tradições na individualidade da escrita, pois reelaborar as qualidades vistas em autores precedentes é uma forma superior de *imitação* (2014, p. 91-120). Diz-nos Petrarca que: ao utilizar o engenho, deve-se não usar as mesmas palavras, mas o colorido, priorizando a beleza e a clareza (23.19). Não se deve, portanto, almejar a algo idêntico ou a uma reprodução de algum elemento antigo, ao

⁴ Ainda que existam múltiplas correntes de pensamento e variadas propostas interpretativas, alguns elementos comuns ao pensamento renascentista orbitam ao redor da eloquência e da retórica em seus variados gêneros textuais de exposição. Desse modo, Hanna Gray enumera variadas disputas e tratados a respeito da eloquência, em especial aquelas obras que discutem as relações entre retórica e filosofia, mediante recepções dos textos de autores antigos, e.g., Platão, Aristóteles e Cícero (1963, p. 497-514).

⁵ Conforme visto nos tratados de Lorenzo Valla, a reunião de estilos, vocabulário, usos e formas gramaticais foram importantes para inferências e constituiu uma base textual importante para os debates acadêmicos na Renascença, em especial as transformações linguísticas e suas repercussões histórico-filológicas (CHARLES, 2004, p. 456-461).

⁶ Entre modos de autorrepresentação e um retorno para a subjetividade, alguns autores renascentistas, dentre os quais Petrarca, utilizam-se de um argumento de inovação mediante estudos analíticos e sistemáticos da tradição (CACHEY Jr., 2003, p. 73-93). Tais propostas repercutem-se nas escolhas intelectuais e também nas práticas civis, pelas quais novas propostas pedagógicas estão em constantes discussões (ROEST, 2003, p. 115-148).

⁷ Destacam-se, assim, os estudos medievais e renascentistas das obras de Cícero, pelas quais a história da transmissão e da interpretação possibilita distintas abordagens em variados contextos (WARD, 2006, p.3-70), mas também permitem a apreciação de uma aplicabilidade da arte retórica pela recepção de técnicas, obras e intenções (MEHTON, 2006, p. 289-312)

ponto de a semelhança ser não apenas desejada, mas reconsiderada e até mesmo desconstruída para que as qualidades internas, aquelas que não estão apenas nas aparências, tornem-se manifestas.

Os debates a respeito da língua latina, das línguas vulgares e os modos de expressão pela fala perpassam diversos modos de compreensão da *imitatio*, visto nas constantes formações de glossários, nos estudos de obras inteiras e nas tentativas de restituir o vigor das obras antigas. As imagens de Cícero, reconstituindo suas obras, palavras e ações, tornavam-se veneráveis e dignas de *imitação* em muitos círculos políticos. Os modos de recepção, interpretação e imitação eram perpassados pelas necessidades e visando sempre a utilidade (CELENZA, 2018, p. 372-401). Dentre os inúmeros nomes, destacam-se: Poggio Bracciolini, Lorenzo Valla, Angelo Poliziano, Paolo Cortesi. Desse modo, as instituições, as práticas letradas, as ações civis, a linguagem e as variadas formas de pensamento estão nutridas em um processo dinâmico de recepção, apreensão e reestruturação. Pode-se, por exemplo, contextualizar os trabalhos históricos e filosóficos de Valla como uma transformação das noções centrais do pensamento metafísico aristotélico, em especial a partir da linguagem humana. Desse modo, não apenas a leitura crítica do filósofo grego, mas também a seleção de intérpretes, adquire nuances de uma *imitatio* filosófica pela qual as necessidades de seu tempo foram pensadas (NAUTA, 2009, p. 269-292).

Diante do exposto, evidencia-se a centralidade das práticas humanas pelas quais a *imitatio* antiga auxilia nas constituições artísticas, civis e pedagógicas. Em uma composição entre tradições e inovações, as artes, a história, os modos de pensamento, a língua, a eloquência, a literatura, a religião e as demais ações humanas adquirem ânimo para instaurações criativas de suas realizações. Escrutinam-se, atentamente, o passado e o presente, adaptando o necessário para que os bons exemplos pretéritos adquiram vivacidade, força e vigor nas circunstâncias hodiernas. Não se trata de uma prática isolada das constituições políticas e civis, visto que os estudos, as análises e as interpretações de documentos, de objetos materiais e das instituições públicas possuem grande relevância para o cotidiano na formação de todos os cidadãos. Assim, não se deseja transportar idênticas ações e imutáveis práticas remotas a novos tempos, mas transformar as atitudes correntes de acordo com o apreendido dos bons exemplos em consonância às circunstâncias.

Maquiavel, *Virtù* e Imitação: restituir o sabor nos acontecimentos humanos

A *imitação* em Maquiavel perpassa exemplos antigos e renascentistas, ações políticas e gêneros literários, em adequações necessárias de acordo com a necessidade, visando a um fim retórico desejado para a reinserção da *Virtù* e uma finalidade prática na instauração de ordens públicas que preservem a liberdade civil. Desse modo, buscam-se satisfazer os humores dos cidadãos, efetivar escritas historiográficas, discutir as formas dos regimes políticos e apresentar obras literárias que combatam a corrupção das ordens civis, dos costumes e das instituições. A *imitação*, mesclando tradição e inovação, não deve causar espanto, mas adequar-se às circunstâncias na elevação do ânimo. Ainda que não seja possível atingir as grandiosas obras vistas no passado, mediante uma exata reconstrução, a *imitação* fornece a oportunidade de estabelecimento da *Virtù*, mesmo em contextos de extrema decadência.

No primeiro Livro dos *Discorsi*, Maquiavel introduz a noção de *imitação* associando-a diretamente à nova investigação proposta, visto que as atitudes dos antigos, em sua opinião, são mais admiradas do que imitadas — *essere più presto ammirate che imitate*. Exemplifica essa assertiva pela aquisição de ornamentos materiais que emulem a estética antiga, mas o esquecimento dos atos de *Virtù* desses reinos e dessas repúblicas, mediante seus reis, capitães,

cidadãos, legisladores e tantos outros exaltados pela grandeza da pátria⁸. Desse modo, constata que a medicina e a jurisprudência aprendem com os registros antigos, atualizando-os de acordo com a necessidade. Todavia, discorre Maquiavel que "em ordenar uma república, em manter o *stato*, sobre o governar de um reino, no ordenar de uma milícia e no administrar uma guerra, em julgar os súditos, em acrescentar o domínio, não há príncipe ou república que recorra ao exemplo dos antigos"⁹. A fraqueza resultante de uma opinião religiosa, assim também a preguiça, somada à ignorância dos acontecimentos históricos, propicia uma ausência de sabor das coisas em si mesmas. Desse modo, credita Maquiavel que aqueles que lêem as histórias antigas satisfazem-se pelo prazer de inumeráveis acidentes — *piacere di udire quella varietà degli accidenti* — e não possuem ânimo para imitar suas ações e averiguar a *Virtù* em seus atos. Desse modo, o autor salienta que está disposto a sanar esse erro dos humanos, indicando, portanto, a centralidade da imitação da *Virtù* dos antigos como uma meta possível de ser alcançada, não apenas nas codificações da jurisprudência e dos manuais de medicina, mas em seus genuínos sabores de *Virtù* no âmbito político.

As interações entre imitações individuais e coletivas são abordadas nas discussões a respeito do começo das cidades. Os humanos são egoístas e agem de acordo com a necessidade ou por escolha, possuindo maior *Virtù* nas ocasiões em que a escolha não possua tanta influência¹⁰. Desse modo, a prosperidade civil e as condições geográficas podem provocar o enfraquecimento do ânimo dos cidadãos, sendo necessário estimular contínuo exercício. Assim, "sábios governantes" devem ser seguidos ao proporem a *imitação* de ininterruptas atividades que não diminuam o vigor das instituições e tampouco o ardor civil. Dessa maneira, evidencia-se a individualidade e a coletividade na dinâmica da imitação para o enriquecimento da civilidade.

A salvaguarda da liberdade é feita na manutenção de um viver civil adequado às circunstâncias e aos momentos. Desse modo, as variedades de ações necessárias para garantir os melhores modos de viver possibilitam imitar as instituições civis registradas na História. Assim, visto ser impossível extinguir os conflitos existentes entre os níveis populacionais¹¹, a liberdade civil constitui-se no embate¹². A escolha da ação que deve ser imitada requer análises a partir das ocasiões e dos desejos — pessoais e civis. Ressalta-se, todavia, que são considerados execráveis aqueles que desejam imitar principados corrompidos pela ganância pessoal. Há uma distinção clara, portanto, entre aqueles que exercem o principado para completar a ruína da cidade e manter-se no poder, e.g., César, e aqueles que desejam reformar a *civilidade*, obtendo a melhor ocasião para obter a glória, e.g. Rômulo¹³.

No início do segundo livro dos *Discorsi*, Maquiavel insiste na decadência presente em comparação com a grande *Virtù* dos antigos, mas pondera que os elogios excessivos ao passado, sem uma análise apurada, não auxiliam em um entendimento que produza uma imitação adequada às circunstâncias precárias vivenciadas. Assim, o autor deseja descrever o presente e

⁸ D. proem."e veggendo, da l'altro canto, le virtuosissime operazioni che le storie ci mostrano, che sono state operate da regni e repubbliche antiche, dai re, capitani, cittadini, latori di leggi, ed altri che si sono per la loro patria affaticati, essere più presto ammirate che imitate"

⁹ D. proem. "Nondimanco, nello ordinare le repubbliche, nel mantenere li stati, nel governare e' regni, nello ordinare la milizia ed amministrare la guerra, nel iudicare e' sudditi, nello accrescere l'imperio, non si truova principe né repubblica che agli esempli delli antichi ricorra."

¹⁰ D I.7 "E perché gli uomini operano o per necessità o per elezione; e perché si vede quivi essere maggior virtù dove la elezione ha meno autorità".

¹¹ D. I. 6.

¹² D. I. 7-8.

¹³ D. I. 10.

as ações dos antigos para que os jovens evitem os vícios presentes e imitem a *Virtù* de alguns exemplos romanos, de acordo com as ocasiões apresentadas¹⁴.

Os humanos possuem apetites insaciáveis e suas ações imitam, de algum modo, o que é observado observa no mundo natural¹⁵. Ao versar sobre os modos de ampliação dos domínios de uma República, Maquiavel aponta três vias históricas: a formação de ligas na divisão do comando; a associação com aliados por um poder centralizado; e a formação de súditos. Compara, assim, os antigos Toscanos que viviam em confederações e a expansão romana na península itálica como um caminho para a estabilidade civil. Os antigos romanos, segundo Maquiavel, não possuíam ninguém para imitar, para seguir normas e condutas, e não tiveram imitadores que tivessem a mesma Fortuna, ocasião e *Virtù*. Conclui essa exposição salientando que as ordens públicas dos romanos obtiveram sucessos internos e externos. Contudo, imitar, sequer uma minúscula fagulha dessa *Virtù*, não se efetiva no tempo presente devido à ignorância, ao considerar tais exemplos inúteis ou impossíveis de serem realizados¹⁶. Por outro lado, se as conquistas e as ordenações romanas parecem difíceis de serem imitadas, as confederações dos antigos toscanos, apagadas da memória, podem possibilitar tranquilidade, domínio e glória. Da mesma maneira que os antigos romanos combinaram Fortuna e *Virtù* nas ocasiões propícias para o estabelecimento de suas ordenações civis, Maquiavel instiga seus contemporâneos a estarem atentos às oportunidades e a imitarem as ações adequadas para as necessidades que se apresentam.

Os maus conselhos, as imprudências e as decisões impróprias conduzem cidades a situações deploráveis, as quais retiram todas as forças para uma organização civil em que a paz possa ser uma perdição e a guerra, destruição. Maquiavel exemplifica o exposto pelas organizações latinas que cederam o controle do Lácio à República romana e foram subjugadas gradativamente¹⁷. A devastação das cidades e das organizações sociais, seguidas de restabelecimentos e incorporações, são exemplos de medidas extremas que devem ser observadas, pois um governo deve assegurar-se por todos os meios, tolhendo as chances de revoltas e beneficiando um povo para que ele não deseje uma mudança de sua condição. Desse modo, em circunstâncias similares, repúblicas e principados deveriam imitar as práticas destacadas¹⁸. Em muitos casos, Florença não procede assim. Conforme as rebeliões de 1502 em Arezzo asseveram, exílios, mortes e perda de privilégios apenas acirraram ainda mais os ânimos e aumentaram significativamente o risco de rebeliões¹⁹. Por outro lado, no terceiro livro dos *Discorsi*, Maquiavel destaca a tese de que para que um reino, uma república e uma seita religiosa possuam maior longevidade, deve-se retornar constantemente a seus princípios norteadores. Enfatiza que a simples *Virtù* de um indivíduo, sem a existência de uma lei que demande alguma execução, inspira o desejo à imitação e envergonha aqueles que agem de forma contrária (D.III.1).

Em *Il Principe*, a imitação é apresentada nos capítulos que descrevem principados novos que se adquirem com armas próprias e *Virtù* (P. VI); principados novos adquiridos com armas

¹⁴ D. II proem. Destaca-se uma comparação entre os vícios que reinam em seu momento histórico e a *Virtù* que reinava nos exemplos antigos selecionados. Desse modo, conclui o autor que : "acciocché gli animi de' giovani che questi mia scritti leggeranno, possino fuggire questi, e prepararsi ad imitar quegli, qualunque volta la fortuna ne dessi loro occasione."

¹⁵ Os apetites humanos são múltiplos e variam de acordo com as circunstâncias e os tempos. São, portanto, instáveis, sendo da "natureza" desejar a tudo, mas os objetivos alcançados são escassos pela ação da Fortuna (D. II. proem). Por outro lado, os desejos insustentáveis também imitam atitudes presentes no ambiente natural, e.g., uma República débil que não consegue sustentar um avanço a outros territórios e, ainda assim, efetua esse desejo, aparenta-se a uma árvore sustentada por uma pétala (D.II.3).

¹⁶ D. II.4.

¹⁷ D. II. 23.

¹⁸ D. II. 23. "E perché questo giudizio è notabile, e merita di essere osservato, per poterlo imitare quando simili occasioni sono date a' principi".

¹⁹ D. II. 23.

alheias e Fortuna (P. VII); principados obtidos por crimes e atos nefandos (P. VIII); a organização da milícia (P. XIV); e os meios de evitar o desprezo e o ódio da população (P. XIX). Dessa forma, imitar os bem-sucedidos usos da *Virtù*, nas circunstâncias propícias, auxilia na fundação de novas ordens civis e em suas manutenções, mediante ações constantes que evitem a corrupção da *civilidade* estabelecida.

Inicia os argumentos do bastante comentado capítulo VI assinalando que os humanos quase sempre caminham por vias trilhadas por outros, procedendo, portanto, por *imitação*. Todavia, visto que não seja possível ter todos os meios existentes por aqueles que são estudados, tampouco obter a *Virtù* desses, sugere Maquiavel que os humanos devam imitar os "grandes" e aqueles que são tidos por excelentíssimos. Se a *Virtù* desses exemplos não se torna manifesta nas ações imitadas, "ao menos um certo odor" pode ser alcançado. Desse modo, diante das dificuldades na manutenção de novos principados, Maquiavel seleciona Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu pelo uso da ocasião propícia para a manifestação da *Virtù*. O estudo histórico desses *exempla* e a imitação de suas ações devem se adequar às condições e às necessidades, não existindo, portanto, uma norma de conduta universal para todas as situações possíveis.

Ao prosseguir suas discussões sobre os principados novos, Maquiavel retrata o caso de Cesare Bórgia e a hábil utilização que ele efetivou das tropas papais e francesas. O duque Valentino aniquila seus inimigos na Romanha, ao mesmo tempo em que recebe grande estima popular. Tais atitudes são dignas de nota e devem ser imitadas²⁰. Desse modo, a fundação e a manutenção das ordens civis podem ser obtidas por variados meios e aqueles que são adequados à ocasião devem ser imitados, ainda que não se tenha a certeza de seus resultados. O desfecho da exposição crítica e da narrativa histórica de Cesare Bórgia indica-nos a imponderabilidade da Fortuna e a impossibilidade do humano prever ou controlar todas as transformações no jogo político. Assim, faz um diagnóstico de que a *Virtù* e sua respectiva imitação devam estar sempre adequadas às circunstâncias impostas pelas necessidades. Embora o resultado obtido não seja o pensado anteriormente, ainda assim as ações do duque Valentino são recomendadas por Maquiavel²¹.

O autor apresenta ainda alguns casos que podem requerer imitação, os quais são aqueles principados obtidos e mantidos por crimes e atos nefastos, e.g., Agátocles e Alexandre VI, Oliverotto da Fermo. A manutenção por excessos de violência, medo, ofensas e crimes não favorece à estabilidade civil, requerendo estar com "a espada na mão" em todo o tempo. Assim, impossibilitado de aniquilar seus inimigos sumariamente devido ao surgimento de contínuas injúrias e de promover benefícios adequados a todos os súditos, apresenta-se uma forma civil extremamente instável, pois esse principado faz uso de "uma crueldade mal usada" (P. VIII). Intrigante a inserção desses comentários, pois desvelam argumentos sobre uma forma de governo insustentável, ao mesmo tempo que sugere uma possibilidade de ser imitada, sem discutir seus "méritos" e em tempos de necessidade²². Ademais, diferencia um mau uso e um bom da crueldade.

Ao aconselhar o modo que os príncipes devem organizar as milícias, tendo apenas a guerra como seu objetivo primordial para a proteção da pátria, a *imitação* dos antigos e dos contemporâneos é realçada grandemente, especialmente ao considerar as ações dos humanos excelentes. Os comportamentos e os motivos das ações ilustres devem ser examinados com afinco para que as derrotas sejam evitadas, as vitórias obtidas e, conseqüentemente, a glória (P.

²⁰ P. VII "E, perché questa parte è degna di notizia e da essere imitata da altri, non la voglio lasciare indrieto."

²¹ P. VII "Raccolte io adunque tutte le azioni del duca, non saprei riprenderlo; anzi mi pare, come ho fatto, di preporlo imitabile a tutti coloro che per fortuna e con l'arme d'altri sono ascisi allo imperio".

²² P. VIII. "si mostrerà con dua esempi, l'uno antiquo l'altro moderno, sanza intrare altrimenti ne' meriti di questa parte, perché io iudico che basti, a chi fussi necessitato, imitargli".

XIV). Assim, ao evidenciar os casos antigos em que grandes figuras buscavam imitar seus antepassados gloriosos, Maquiavel argumenta que assim deve proceder um príncipe sábio, nunca estando ocioso em tempos de paz, mas sempre preparando-se para resistir à Fortuna.

Ao discutir os meios de evitar o desprezo e o ódio, Maquiavel ressalta a importância das aparências para a satisfação dos desejos individuais e para a manutenção da reputação do príncipe. Ao mostrar a ruína de alguns imperadores romanos, Maquiavel lista as dificuldades em satisfazer os desejos pessoais, as ambições da população e o ânimo dos soldados. Desse modo, salienta que a manutenção da reputação era essencial para as ordenações civis e militares, evitando o ódio de alguma coletividade social a todo instante. Assim, sejam os imperadores mais moderados, com grande estima na população urbana que desejava a tranquilidade dos tempos de paz, ou aqueles mais belicosos com grande impacto nas camadas militares, esses humanos enfrentaram grandes inimizades e não obtiveram fins desejáveis. Não importa, portanto, se os governantes "tenham uma vida modesta, amem a justiça, sejam inimigos da crueldade, humanos e benignos", se eles não se adequarem corretamente à ocasião proposta pela Fortuna, eles tendem a ter um triste epílogo²³. Por outro lado, salienta que Severo deva ser imitado, ao conjurar em suas ações uma *Virtù* que sabe usar bem a personalidade do leão e da raposa (P. XIX). Assim, era admirado por seus soldados e reverenciado pelo povo, tendo que usar de ludíbrio e de força para a manutenção de sua posição.

Todavia, conforme salientado anteriormente, as circunstâncias mudam, a *Virtù* individual pode não ser restaurada e as condições podem não ser favoráveis à *imitação*. Expressar crueldade ou benignidade, sem adequar-se à ocasião, é supérfluo, inútil ou pernicioso, resultando em conflitos desnecessários e em possível perda de domínio. Assim, não se deve imitar as ações dos *exempla* históricos sem um crivo, mas aquilo que seja "necessário para fundar um *stato* e o que seja conveniente e glorioso para conservar um *stato* já firme e estabelecido"²⁴.

A *imitação* como elemento de um processo literário e historiográfico é apresentada no prólogo das *Histórias Florentinas*, onde Maquiavel expressa a diligência de sua leitura dos historiadores que o antecederam para perceber seus modos de escrita e suas ordens de exposição. Diferencia-se desses célebres exemplos por eles descreverem com bastante atenção os conflitos externos, mas com brevidade as discórdias, as inimizades internas e seus efeitos. Argumenta, portanto, que a ausência de um tratamento devido a esses tópicos internos não fornece nenhuma utilidade ou nenhum prazer aos leitores²⁵. A importância dessas divisões internas deve ser realçada para o bem da cidade de Florença e sem receios de ofender a memória dos antepassados. Desse modo, atrelando a *imitação* adequada à utilidade e ao prazer, Maquiavel propõe-se a narrar as *Histórias* da cidade a partir de suas constituições e de seus conflitos internos, destacando o desejo e a ambição que todos os humanos possuem em perpetuar a glória e adquirirem a fama. Discute, novamente, a *imitação* no gênero historiográfico ao salientar que utilizou os meios de escrita usual aos príncipes para narrar a vida de Cosimo di Medici e não aqueles empenhados nas "histórias universais"²⁶. Justifica-se, não causando admiração a ninguém, ao afirmar que um

²³ P. XIX. Ao falar de Marco, Pertinax e Alexandre, Maquiavel sentencia: "'sendo tutti di modesta vita, amatori della iustizia, nimici della crudeltà, umani e benigni, ebbono tutti, da Marco in fuori, tristo fine". Salienta ainda que somente Marco obteve um honrado fim pela hereditariedade e *Virtù* de seu antecessor.

²⁴ P. XIX. Passagem relevante para a concepção de Maquiavel sobre a *imitação* dos antigos, pois ao expor as derrocadas dos imperadores romanos nas diversas circunstâncias, o autor salienta que a obtenção do resultado não pode ser averiguada por ações em si mesmas, sem uma análise da ocasião. "o l'odio o il disprezzo esser suto cagione della ruina di quelli imperatori prenominati, e conoscerà ancora donde nacque che, parte di loro procedendo in uno modo e parte al contrario, in qualunque di quelli, uno di loro ebbe felice e li altri infelice fine". As ações a serem imitadas devem adequar-se às necessidades da ocasião.

²⁵ IF proem. "che ai leggenti non puote arrecare utile o piacere alcuno"

²⁶ IF, VII. 6.

humano raro, deve ser louvado extraordinariamente²⁷, ao mesmo tempo em que credencia à famosa família a posição de regentes da cidade.

A importância de entender a ocasião e de efetivar uma adequação para a *imitação* das ações de *Virtù* é salientada em um pequeno trecho no primeiro livro das *Histórias Florentinas*. Ao narrar a constituição dos reinos europeus a partir da dissolução do império romano e do desenvolvimento político da Igreja romana, Maquiavel assevera como o império foi transmitido para a Germânia, diante das turbulências nas terras itálicas e algumas tentativas de estabelecer um governo estável. Nesse contexto, salienta que o caso de Niccolò di Lorenzo seja memorável, por expulsar os senadores de Roma e assumir essa república, reconduzindo-a a sua antiga forma. Alcançou a reputação de um governo justo e de *Virtù* em todas as cidades itálicas que lhe prestavam honrarias. Ao não suportar "tamanho peso", decide aliar-se a Carlos da Boêmia, eleito imperador pelo papa. Niccolò di Lorenzo é preso e mandado para o pontífice. Francesco Baroncegli, tribuno de Roma, inspirado nessas ações de Niccolò, expulsa os senadores. Todavia, ao imitar seu antecessor, Francesco Baroncegli não esperava que o papa soltasse ao antigo inimigo com a designação para o matar almejando a estabelecer a ordem anterior²⁸.

Outro trecho importante que enfatiza a necessidade de entender aquilo que deve ser imitado e as adequações necessárias para uma efetiva *imitação* é salientado por Maquiavel ao entender a submissão plena de Florença, diante da ausência de *Virtù* e das ordenações civis durante as constantes guerras itálicas. As divisões entre as facções internas no controle de Florença propiciavam constantes conflitos, exílios e a perda de domínio da cidade. Em um contexto de expansão geográfica e de batalhas contínuas entre as *comune* itálicas, há inúmeros confrontos para reformar a administração pública e para garantir o controle militar do território florentino pelos nobres remanescentes na cidade, pelos nobres exilados ou pelas potências estrangeiras que desejam o controle dessa *comuna*²⁹. Durante o domínio do duque de Atenas em Florença, enviado pelo filho do rei Roberto de Nápoles, o desrespeito às ordens civis e a violência dos estrangeiros causavam grande indignação e grandíssima revolta ao povo florentino, sobretudo diante da constatação de que a "majestade sobre o estado estava arruinada, as ordenações destruídas, as leis anuladas, todo viver honesto corrompido, toda modéstia civil desgastada"³⁰, i.e., os cidadãos já não possuíam qualquer controle das constituições civis, dos poderes militares, dos hábitos morais e das demandas políticas de Florença. Avalia Maquiavel, portanto, que o envio de um governante submisso ao reino francês condenava os florentinos em súditos da França e de seus costumes, visto que Gautier de Brienne, o duque de Atenas, fornecia cargos públicos aos franceses e esses passavam a ser imitados, mesmo em oposição ao viver civil.

Ademais, ao descrever as disputas entre os guelfos e os gibelinos, Maquiavel indica a seus leitores como essas facções imitavam suas ações reciprocamente, ao alternarem-se no exercício do poder³¹. Ao diferenciar as disputas ocorridas em Florença e na Roma antiga – enquanto nessa são produzidas as ordenações republicanas, naquela são efetivadas divisões civis que impedem a

²⁷ IF. VII.6 "non ne prenda alcuno ammirazione, perché, essendo stato uomo raro nella nostra città, io sono stato necessitato con modo straordinario lodarlo"

²⁸ IF I.31.

²⁹ IF. II. 24-42. Dentre as inúmeras batalhas e as constantes reformas administrativas narradas nessas passagens, destacam-se: aliança com o rei Roberto de Nápoles; plenos poderes dado a Lando d'Agobio, que mostrou-se cruel, insolente e saqueador; batalhas contra Castruccio Castracani; disputas entre exilados e remanescentes pelo controle da cidade; aliança com o Duque da Calabria, Carlos, filho de Roberto de Nápoles; envio do duque de Atenas, Gautier de Brienne; expulsão do duque de Atenas, nova organização civil da cidade feita pelo povo e pelos nobres. Todos esses acontecimentos refletem a ruína das ordenações civis devido às dissensões internas, as quais não estavam sob controle, e os conflitos com potências externas, mais bem preparadas do que Florença.

³⁰ IF. II.36. "Vivevano adunque i cittadini pieni di indegnazione, veggendo la maiestà dello stato loro rovinata, gli ordini guasti, le leggi annullate, ogni onesto vivere corrotto, ogni civile modestia spenta"

³¹ IF. III. 8.

satisfação dos humores³² –, Maquiavel salienta os modos pelos quais as desuniões internas propiciavam um enfraquecimento que seria aproveitado pelas outras *comune* itálicas, pelo reino francês, pelo império germânico e pelas tropas eclesiais³³. Tais disputas corrompiam todas as magistraturas, visto que aqueles que possuíam o controle da cidade expulsavam dos cargos públicos seus inimigos, almejando a possuírem maior segurança. Desse modo, ao imitarem as práticas de seus adversários, essas facções perpetuavam exílios, humilhações civis e desordens que gradativamente enfraqueciam Florença. Assim, as ações a serem imitadas devem ser avaliadas não por seus resultados anteriores, mas por suas efetivas realizações presentes.

Em uma série de comparações entre os antigos e seus contemporâneos, considerando as semelhanças entre os legisladores e os militares, o próêmio de *A Arte da Guerra* assevera que a vida dos soldados era grandemente louvada e com empenho imitada³⁴. Em sua argumentação, Maquiavel assevera que as ordenações civis e militares, a exemplo das práticas antigas, estão profundamente vinculadas, visando ao bem comum da cidade e à defesa de suas instituições. Desse modo, há uma coexistência necessária entre as ordenações civis e militares, as quais devem infundir amor à pátria e temor aos deuses. Todavia, as ordenações militares estão corrompidas e, portanto, separadas dos antigos modos, a ponto de serem esquecidas, abandonadas e odiadas. Acredita o autor que não seja impossível restaurar a antiga *Virtù* e deseja não apenas constatar a necessidade de *imitação* dos antigos costumes civis e da antiga milícia, mas também salientar a imitação dos valorosos soldados que lutam contra a corrupção e a ruína das ordenações civis em defesa da liberdade.

Cosimo e Fabrizio enaltecem a seus avós por amarem e imitarem os costumes antigos, sobretudo ao fugir da delicadeza das práticas presentes e engrandecer a aspereza necessária para as ordenações familiares, civis e militares. Todavia, diante de uma era tão e profundamente corrompida, efetivar árduos costumes é dificultoso, pois os contemporâneos tendem a vilipendiar e a acusar esses imitadores dos antigos de infames³⁵. Assim, diante das práticas presentes, Cosimo afirma que seu avô abandonou os antigos e somente imitou a esses quando não causava admiração e espanto³⁶. Por sua vez, Fabrizio reconduz o argumento para os "modos mais humanos" do viver civil, defendendo que seria possível analisar o viver e as ordenações políticas dos romanos para inserir a *Virtù*, a disciplina militar e uma ordenação civil sem facções. Interessante notar a construção literária proposta por Maquiavel, pois Cosimo apresenta ações particulares e de educação doméstica que reverberam nas propostas de Fabrizio, especialmente diante da impossibilidade de uma imitação dos grandes feitos humanos em uma época corrompida. A exemplo do avô de Cosimo, Fabrizio não consegue implementar as ordenações militares desejadas pela ausência do amor à pátria, do desejo de glória e de temor aos deuses.

Assim, ao propor-se a imitar os antigos, Fabrizio analisa os tipos de armas usadas, os modos de combate, as formas de ordenar as tropas para a batalha, a escolha dos comandantes e os soldos dados. Ao observar os usos dos antigos romanos, suas técnicas, sua *Virtù* e sua disciplina, as tropas germânicas ganharam grande fama e enorme reputação, a ponto de também serem

³² IF. III.1.

³³ IF. III.2-3.

³⁴ AG proem. "la vita de' soldati dagli altri uomini era lodata e con ogni studio seguitata e imitata"

³⁵ AG I.5. Após concordar com Fabrizio a respeito de seus antepassados, Cosimo pondera que, embora seu avô amasse as práticas antigas, os costumes hodiernos impediam-o de atualizar seus intentos. "nondimeno e' conosceva non potere nella persona sua, né in quella de' suoi figliuoli, usarla, essendo nato in tanta corruttela di secolo, dove uno che si volesse partire dal comune uso, sarebbe infame e vilipeso da ciascheduno."

³⁶ AG. I.5. Ao ser categorizado como louco (*pazzo*), o avô não apresentaria os meios árduos de viver a si mesmo e a seus herdeiros, mas adaptava-se a seu tempo e imitava aos antigos na medida do possível. "Tal che, sbigottito da questi modi del vivere presente, egli lasciò gli antichi, e in quello che potette con minore ammirazione imitare l'antichità, lo fece"

imitadas em toda a Europa³⁷. Desse modo, percorrendo sobre os modos de organização das tropas, Fabrizio mostra-nos a adequação da imitação à ocasião, visto que inicia sua exposição a respeito da cavalaria por apresentar o caso romano³⁸, mas também salienta o uso de atitudes similares pelos germanos. Constata, assim, a possibilidade de imitar esses bons exemplos para a formação de batalha, antigos e contemporâneos, e o erro daqueles que não efetivam tais considerações³⁹.

Ora, acredita Fabrizio que seus interlocutores podem ler amplamente sobre as ordenações dos exércitos gregos e romanos para a batalha, mas ele gostaria de destacar aquilo que ele considera necessário imitar, para que as milícias de seu tempo tenham "alguma parte de perfeição"⁴⁰. Enfoca, assim, as batalhas verdadeiras e os exercícios para treinar as formações de batalha que possam ocorrer, resgatando a antiga *Virtù* nas formas presentes de confronto e com as armas disponíveis para suas tropas.

As boas ordenações, com disciplina e com obediência, são passíveis de serem imitadas. Luigi, por sua vez, após ouvir a explicação de Fabrizio a respeito da artilharia e de seu uso moderado, questiona se as ordenações antigas podem ser imitadas diante de tamanho arsenal bélico. Fabrizio concorda que a artilharia produz efeitos devastadores e não possuem uma defesa efetiva e, por esses motivos, opta sempre por diversificar suas defesas e suas táticas ofensivas, buscando eliminar a possibilidade de outros usarem tamanho poderio. A partir de exemplos antigos, e.g., Ventúdio contra os partos e César na Gália, expõe como a inutilização, o mais rapidamente possível, das armas letais dos inimigos são necessárias para a vitória no campo de batalha. Assume que os soldados possuam outras coisas para temer além das potentes artilharias, visto que essas são superadas pela *Virtù* de suas armas, de suas ordenações e de seus ânimos. Desse modo, a artilharia não impede que os antigos modos e o que há de excelente em seus exemplos sejam imitados⁴¹.

Ao buscar responder a Zanobi sobre o necessário a um capitão antes de entrar no campo de batalha, Fabrizio recorda os louvores dados a Aníbal e Cipião. Zanobi, assim, indaga os motivos pelos quais Cipião não obedeceu a alguns costumes seguidos nas formações militares⁴². Fabrizio opõe as ações de *Virtù* de Aníbal por outras similares, propostas por Cipião. Desse modo, indica que as circunstâncias devem ser avaliadas e as ações escolhidas de acordo com a necessidade, visto que além das ordenações militares há carência de entendimento e de acolhida pelas tropas⁴³. Dentre algumas táticas, são destacados os modos de criar abalos físicos e também emotivos nas tropas inimigas, além de variados meios de enganar os adversários de acordo com cada território. Fabrizio acrescenta ainda que as atitudes após as batalhas também são relevantes. Assim, compara Aníbal e César, salientando que esse último é digno de imitação, pois nunca repousa após uma vitória, mas continuava com ainda maiores ímpeto e força. Todavia, novamente, as decisões devem estar adequadas à ocasião.

O sexto livro de *A Arte da Guerra* faz uso de uma metanarrativa, já salientada pelos participantes do diálogo que acreditam sustentar uma batalha contra Fabrizio. Desse modo,

³⁷ AG. II.1.

³⁸ AG II.33. Ao discutir os números necessários expõe: "avendo tolto a imitare la milizia romana,"

³⁹ AG II.33. Embora os cavaleiros romanos guerreassem sozinhos, eles possuíam apoios necessários para a manutenção da batalha, conforme algumas formações bélicas germânicas indicavam no tempo do autor. Desse modo, Fabrizio sentencia: "il che si può facilmente imitare da noi, come nel distribuire degli alloggiamenti vi si mostrerà. Quello, adunque, che facevano i Romani, e quello che fanno oggi i Tedeschi, possiamo fare ancora noi, anzi, non lo faccendo, si erra."

⁴⁰ AG III.6. Diante das variadas possibilidades de serem imitadas, Fabrizio diz: "e solo ne addurrò quelle cose che di loro mi pare necessario imitare, a volere ne' nostri tempi dare alla milizia nostra qualche parte di perfezione".

⁴¹ AG III.12. "l'artiglierie, secondo l'opinione mia, non impediscono che non si possano usare gli antichi modi e mostrare l'antica virtù."

⁴² AG IV.6. "Però vorrei mi dicessi quale cagione lo mosse a non osservare l'ordine consueto."

⁴³ AG IV.7. "e però conviene avere, dietro, ordini che ti ricevino"

Zanobi argumenta ter aprendido com Fabrizio⁴⁴ algumas ações adequadas dos capitães e que pretende utilizar nessa disputa oratória. Assim, os melhores soldados estão na dianteira e na retarguarda, enquanto que aqueles que estão no meio devem sustentar o combate. A *imitação*, portanto, é proposta diretamente do apreendido na conversa retratada literariamente. Por sua vez, o personagem Fabrizio novamente assevera a importância de uma *imitação* ativa da *Virtù* dos antigos, visto que se propõe a imitar os romanos, mas não se restringe a seus exemplos. Ao discutir o descanso das tropas, constata que esse somente pode ocorrer em locais seguros. Os romanos adaptavam-se aos locais de acordo com a necessidade, contudo Fabrizio deseja salientar apenas aquilo que seja relevante para a formação dos exércitos, i.e., aquilo que deveria ser imitado⁴⁵. A imitação dos romanos, portanto, é vista na discussão sobre os números ideais para as tropas, especificamente para a manutenção da disciplina e para a infusão de ânimo⁴⁶. Todavia, ela não deveria ser seguida sem uma avaliação das transformações ocorridas ao longo do tempo e das carências nos campos de batalha.

Ao final do diálogo, Fabrizio constata que expôs tudo aquilo que poderia se lembrar diante do perguntado por seus interlocutores, constatando que a ausência de pormenores é devido a esses serem evidentes ou desnecessários para seus intentos: ordenar uma milícia em seu tempo com maior *Virtù* do que aquelas possuídas por eles e não reconstruir com exatidão a milícia antiga⁴⁷. Apresenta as questões centrais do diálogo, reinserindo a questão de Cosimo, a qual considera Fabrizio um grande entusiasta das práticas antigas e crítico daqueles que não os imitam nos assuntos relevantes, mas que tampouco ele imitou os antigos em suas guerras. Recorda-se que os humanos que almejam a fazer algo devem estar primeiramente preparados para realizar assim que a ocasião permita⁴⁸. Considera que ao longo do diálogo seus interlocutores podem atestar sua possibilidade de reconduzir os modos antigos no presente, sobretudo ao expor as facilidades e as dificuldades da imitação dos antigos. Desse modo, ao considerar que os príncipes possuam maior facilidade de ordenar as milícias nos moldes desejados, espera Fabrizio que ele também possua a ocasião para atualizar a antiga *Virtù*. Aqueles que rejeitam esses ensinamentos, estão desprezando seus principados e suas cidades⁴⁹ – motivo de tamanha dor em Fabrizio por não conseguir efetivar seus desejos devido a sua condição. Todavia, acredita que ao discorrer sobre esses assuntos, seus ouvintes mais jovens possam imitar os antigos e não apenas "coisas mortas"⁵⁰.

A adequação dinâmica dos bons exemplos, conformando-os às necessidades impostas pelas circunstâncias, insere Maquiavel nos variados usos da *imitatio* antiga e renascentista. A *imitação* deve reavivar as práticas civis e as atitudes de *Virtù*, fornecendo ânimo para a realização das ações políticas e das práticas pedagógicas. Uma admiração dos textos, das esculturas, das instituições e das legiões romanas que apenas procura reproduzir sem entender

⁴⁴ AG VI.1. "e verreno in questo caso ad imitare i buoni capitani, secondo che io intesi già qui dal signore"

⁴⁵ AG VI.3. Assim, imitar as ordenações militares romanas é destacado, especialmente como essas ajustavam seus alojamentos durante as batalhas. Entretanto, Fabrizio seleciona em sua exposição o que se adequa a seu tempo. "E perché io, in questa mia narrazione, ho voluto che si imitino i Romani, non mi partirò nel modo dello alloggiare da queglii, non osservando però al tutto gli ordini loro, ma prendendone quella parte quale mi pare che a' presenti tempi si confaccia."

⁴⁶ AG VI. 15.

⁴⁷ AG VII. 39. "la intenzione mia non è stata mostrarvi appunto come l'antica milizia era fatta, ma come in questi tempi si potesse ordinare una milizia che avesse più virtù che quella che si usa"

⁴⁸ AG VII. 39 "a che io risposi come gli uomini che vogliono fare una cosa, conviene prima si preparino a saperla fare, per potere poi operarla quando l'occasione lo permetta"

⁴⁹ AG VII. 39. Há nessa passagem uma clara alusão às distintas formas de regime, visto que os cidadãos rejeitam sua cidade e suas ordenações, os príncipes seus domínios. Existe, portanto, uma rejeição da ordem estabelecida por ignorar tais preceitos. "Colui adunque che dispregia questi pensieri, s'egli è principe, dispregia il principato suo; s'egli è cittadino, la sua città."

⁵⁰ AG VII. 39. Crítica comum nos escritos de Maquiavel em que o processo de imitação encontra-se restrito a constatações estéticas e sem nenhuma utilidade para a vida pública. Nas palavras do autor: "questa provincia pare nata per risuscitare le cose morte, come si è visto della poesia, della pittura e della scultura".

suas condições, suas circunstâncias e suas efetivações, retiram todo o sabor de seus acontecimentos. A *Virtù* antiga pode ser alcançada, justamente pelos humanos transformarem as ações e as realizações de acordo com as exigências presentes. Assim, a reinserção da *Virtù*, nos escritos de Maquiavel, perpassa: a diversidade de regimes possíveis para a fundação e para a manutenção das ordenações civis; a superação da condição de submissão humana pelo desejo de glória; os modos de ordenação civil e militar inspirados pelo entusiasmo religioso; os confrontos com os agentes das desordens públicas em conflitos internos, batalhas externas e as incomensuráveis ações da Fortuna; e, por fim, os escritos historiográficos, literários e discursivos materializados na vasta produção do autor.

Elogiar o passado e buscar introduzir suas práticas, seus gostos e suas instituições como monumentos inalteráveis e inabaláveis à passagem do tempo, além de irrelevante e supérfluo, mostra-se nocivo. Ao buscar evitar os vícios e as corrupções das ordens civis, demandam-se variadas e múltiplas ações que devem imitar as práticas adequadas a cada contexto. Desse modo, os governantes sábios devem cultivar a civilidade ao retornar constantemente aos princípios de fundação dos regimes, promovendo exercícios que estimulem a *Virtù* pessoal e o viver civil adequados a cada ocasião. Os tumultos e as revoltas civis devem evitar a ganância pessoal e as facções ao promoverem a salvaguarda da liberdade civil.

A Fortuna gera a ocasião propícia e essa, por sua vez, requer ações de *Virtù*. Não há um manual prescritivo para governantes, cidadãos, repúblicas e principados, visto que as ordens e os modos são constantemente transformados ao longo do tempo. A ocasião exige, portanto, eficácia. Avaliar as circunstâncias corretamente e imitar as atitudes adequadas nutrem uma diversidade de possibilidades, as quais podem contribuir para a civilidade e para a satisfação dos humores da população, mas também para o crescimento de instabilidades, o gradativo aumento da corrupção das instituições, a instauração de desordens e, conseqüentemente, ao enfraquecimento civil. Estímulos a *imitar* as bases fundantes da civilidade devem existir, ao mesmo tempo que a imitação dos grandes exemplos são úteis nos tempos de exceção. Todavia, as circunstâncias mudam, os recursos são escassos, a *Virtù* individual dificilmente subsiste na geração seguinte para que possa ser copiada: deve-se, portanto, adaptar-se às imposições da realidade, imitando o necessário para a efetivação da *Virtù*, mesmo diante das inconstâncias e inexorabilidades da Fortuna.

Da mesma maneira que os antigos romanos combinaram Fortuna e *Virtù* nas ocasiões propícias para o estabelecimento de suas ordenações civis, Maquiavel instiga seus contemporâneos a estarem atentos às oportunidades e a imitarem as ações adequadas para as necessidades que se apresentam. Há uma diversidade de maneiras para a satisfação dos humores e para estimular os princípios norteadores da fundação civil, do mesmo modo que existem múltiplos regimes e práticas plurais adequadas a cada circunstância. Assim, ambiguidades e ambivalências tornam-se manifestas nos *corpora* Maquiavelianos, visto que nunca haverá uma certeza prévia sobre os resultados obtidos e todas ações, algumas aparentemente antagônicas, devem ser consideradas como meios de reinserção da *Virtù*. Assim, Maquiavel utiliza-se da polissêmica noção de *imitatio* para propor uma investigação do passado que possua deleite e utilidade, realçando os sabores das ações humanas e restituindo vida às práticas civis consideradas mórbidas devido aos interesses pessoais e às variadas formas de corrupção das magistraturas estabelecidas. A crueldade, em seus maus e bons usos (P. VIII; P. XVII), exemplifica o dito: quando bem utilizada preserva a civilidade; quando mal utilizada agrava a corrupção e a desordem civil. Desse modo, os atos cruéis não são rejeitados, pelo contrário, são passíveis de serem usados nas circunstâncias corretas. As características apresentadas na idealização de um príncipe corroboram essas ambiguidades e ambivalências nos seguintes contextos: louvores e vitupérios (P. XV); liberdades e parcimônias (P. XVI); manter ou retirar

a palavra dada (P. XVIII); ser amado ou ser odiado (P. XIX; P. XXI). Assim, mostra-se como a *imitação* das ações e dos bons exemplos, por não ser estática e inserir-se nos múltiplos gêneros discursivos, realça a impossibilidade de uma definição pré-determinada sobre qual opção deva ser usada (ambiguidade) e sustenta a possibilidade de duas perspectivas serem escolhidas simultaneamente (*ambivalência*).

Por fim, diante da imponderabilidade da Fortuna, da desmedida ambição humana e da instabilidade civil, a *imitação* dos bons exemplos, ao ser corretamente utilizada nas circunstâncias, é um artifício para a reinserção da *Virtù* contra os abusos de poder, as corrupções das magistraturas e o enfraquecimento político.

Referências

- ANDERSON Jr., R. Dean. *Glossary of Greek Rhetorical Terms Connected to Methods of Argumentation, Figures and Trope from Anaximenes to Quintilian*. Leuven: Peeters, 2000.
- ANDERSON, Jeff. *The Internal diversification of Second Temple Judaism: An Introduction to the Second Temple Period*. Lanham, MD: University Press of America, 2002.
- BALER, Thomas. Quintilian's approach to literary history via Imitatio and Utilitas. In: *The Literary Genres in the Flavian Age*. Berlin: de Gruyter, 2017, p. 47-62.
- BENNER, Erica. *Machiavelli's Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- BERLIN, Adele. *Poetics and Interpretation of Biblical Narrative*. Indiana: Eisenbrauns, 2005.
- CACHEY Jr., Theodore. Petrarcan Carthographic Writing. In: GERSH, Stephen e ROEST, Bert (Ed.). *Medieval and Renaissance Humanism: Rhetoric, Representation and Reform*. Leiden: Brill, 2003, p. 73-93.
- CELENZA, Christopher. *The Intellectual World of the Italian Renaissance: Language, Philosophy, and the Search of Meaning*. New York: Cambridge University Press, 2018.
- CLARK, Donald. Imitation: Theory and Practice in Roman Rhetoric. *Quarterly Journal of Speech* v.37, n.1, p. 11-22, 1951.
- DAVIES, G. Were there schools in Ancient Israel?. In: DAY, John (Ed.). *Wisdom in Israel: Essays in honor of J.A. Emerton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- DAVIES, Mark. Living with Seneca Through his Epistles. *Greece and Rome* v. 61, n.1, p. 68-90, 2014.
- de JONGE, Casper. *Between Grammar and Rhetoric: Dionysius of Halicarnassus on Language, Linguistics and Literature*. Leiden: Brill, 2008.
- DOZEMAN, Thomas; RÖMER, Thomas and SCHMID, Konrad. *Pentateuch, Hexateuch, or Enneateuch? Identifying literary works in Genesis through Kings*. Atlanta: SBL, 2011.
- FANTHAM, Elaine. Imitation and Decline: Rhetorical Theory and Practice in the First Century after Christ. *Classical Philology* v. 73, n.2, p. 102-116, 1978b.
- FANTHAM, Elaine. Imitation and Evolution: The Discussion of Rhetorical Imitation in Cicero De Oratore 2. 87-97 and Some Related Problems of Ciceronian Theory. *Classical Philology* v. 73, n.1, p.1-16, 1978a.
- FANTHAM, Elaine. *Roman Readings: Roman Response to Greek Literature from Plautus to Statius and Quintilian*. Berlin: de Gruyter, 2011.
- FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido. Sêneca e as Artes Liberais. *Cadmo* v. 26, p. 161-194, 2017.
- FLOYD, Michael and Robert Haak. *Prophets, Prophecy, and Prophetic Texts in Second Temple Judaism*. New York: T&T Clark, 2006.
- GAHAN, J.J. Imitatio and Aemulatio in Seneca's Phaedra. *Latomus* v.46, n.2, p. 380-387, 1987.
- GRAY, Hanna. Renaissance Humanism: The pursuit of Eloquence. *Journal of the History of Ideas* v.24, n.4, p. 497-514, 1963.
- GREENE, Thomas. *The Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry*. New Haven: Yale University Press, 1982.
- HUNTER, Richard. The ugly Peasant and the naked Virgins: Dionysius of Halicarnassus, On Imitation. In: *Critical Moments in Classical Literature: Studies in the Ancient View of Literature and its Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 107-128.
- JENSEN, Robin. Towards a Christian Material Culture. In: MITCHELL, Margaret e YOUNG, Frances(Ed.). *The Cambridge History of Christianity vol. 1: Origins to Constantine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 568-585.
- LONGINUS. *On The Sublime*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- MACHIAVELLI, Niccolò. *Tutte le opere di Niccolò Machiavelli a cura di Francesco Flora e di Carlo Cordiè. 2 volumi*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1949.
- McKENON, Richard. Literary Criticism and the Concept of Imitation in Antiquity. *Modern Philology* v. 34, n.1, p. 1-35, 1936.
- McLAUGHLIN, M.L. *Literary Imitation in the Italian Renaissance: The Theory and Practice of Literary Imitation in Italy from Dante to Bembo*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

- MEHTONE, Päivi. Poetics, Narration, and Imitation. In: COX, Virginia e WARD, John (Ed.). *The Rhetoric Of Cicero in Its Medieval and Early Renaissance Commentary Tradition*. Leiden: Brill, 2006, p. 289-312.
- MÉNISSIER, Thierry. *Ombres et lumières du politique*. Paris: Ellipses, 2017.
- MORGANTI, Bianca. Petrarca e a Imitação de Cícero. *Limiar* v.2, n.3, p. 91-120, 2014.
- MOSS, Candida. *The Other Christs: Imitating Jesus in Ancient Christian Ideologies of Martyrdom*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- NAUERT, Charles. *Historical Dictionary of the Renaissance*. Lanham: The Scarecrow Press, 2004.
- NAUTA, Lodi. *In defense of Common Sense: Lorenzo Valla's Humanist Critique of Scholastic Philosophy*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- NITCHIE, Elizabeth. Longinus and the Theory of Poetic Imitation in Seventeenth and eighteenth Century England. *Studies in Philology* v. 32, n.4, p. 580-597, 1935.
- NOCCHI, Francesca. *Tecniche teatrali e formazione dell'oratore in Quintiliano*. Berlin: de Gruyter, 2013.
- PASQUALI, G. *Orazio lirico*. Florence: Le Monnier, 1966.
- PETRARCA, Francesco. *Epistole*. Torino: Unione Tipografica, 1978.
- PIGMAN, G. Barzizza's Treatise on Imitation. *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance* v. 44, n.2, p. 341-352, 1982.
- PIGMAN, G. Versions of imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly* v. 33, n.1, p. 1-32, 1980.
- QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição Oratória Tomo IV: Livros X, XI e XII*. Campinas: Edição Unicamp, 2016.
- REFINI, Eugenio. Longinus and Poetic Imagination in Late Renaissance Literary. In: va Eck, Caroline et alli (Ed.). *Translations of the Sublime: The Early Modern Reception and Dissemination of Longinus' Peri Hupsous in Rhetoric, the Visual Arts, Architecture and the Theater*. Leiden, Brill, 2012, p. 33-55.
- ROEST, Bert. Rhetoric of Innovation and Recourse ro Tradition in Humanist Pedagogical Discourse. In: GERSH, Stephen e ROEST, Bert (Ed.). *Medieval and Renaissance Humanism: Rhetoric, Representation and Reform*. Leiden: Brill, 2003, p. 115-148.
- RUSSELL, D.A. De Imitatione. In: WEST, David e WOODMAN, Tony (Ed.). *Creative Imitation and Latin Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 1-16.
- SCHIPPERS, Adriana Maria. *Dionysus and Quintilian: Imitation and Emulation in Greek and Latin Literary Criticism*. 2019. 271f. Tese (Doutorado em Clássicas) – Universidade de Leiden, Leiden.
- SÊNECA. *Ad Lucillum: Epistulae Morales I*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1925.
- SÊNECA. *Ad Lucillum: Epistulae Morales II*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1920.
- SÊNECA. *Ad Lucillum: Epistulae Morales III*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1925.
- SÊNECA. *Moral Essays I*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1928.
- WARD, John. Medieval and Early Renaissance Study of Cicero's De inventione and the Rhetorica ad Herennium: Commentaries and Contexts. In: COX, Virginia e WARD, John (Ed.). *The Rhetoric Of Cicero in Its Medieval and Early Renaissance Commentary Tradition*. Leiden: Brill, 2006, p. 3-70
- WHITTON, Christopher. *The Arts of Imitation in Latin Prose: Pliny's Epistle/Quintilian in brief*. New York: Cambridge University Press, 2019.
- WIATER, Nicolas. *The ideology of Classicism: Language, History, and Identity in Dionysius of Halicarnassus*. Berlin: Walter de Gruyter, 2011.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Jean Felipe de Assis. Rua Barata Ribeiro 687, 22051-001, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. jenfelipe@hete.ufrj.br